

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
JEAN-MARIE STRAUB – NUNCA RECONCILIADO
11 de Janeiro de 2023

L'INCONSOLABLE / 2011

um filme de JEAN-MARIE STRAUB

Realização: Jean-Marie Straub / **Argumento:** Jean-Marie Straub, a partir do capítulo “L'inconsolabile” de *Dialogui com Leucò*, de Cesare Pavese / **Imagem:** Renato Berta, Christophe Clavert / **Som:** Dimitri Haulet, Julien Gonzales / **Música:** Robert Schuman / **Interpretação:** Andrea Bacci (Orfeu), Giovanna Daddi (Baca).

Produção: Les Fées Productions – Belva GmbH / **Cópia:** Belva Film, em ficheiro, cor, falada em italiano e legendada em português do Brasil / **Duração:** 15 minutos / **Estreia Mundial:** 8 de Fevereiro de 2012, França / **Primeira Apresentação em Portugal:** Lisbon & Estoril Film Festival, 2011 / **Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca:** 9 de Novembro de 2012, Festival Temps D'Images: O Cinema à Volta das Cinco Artes, Cinco Artes à Volta do Cinema – Cinematografia e Musicalidade II, 9 de Novembro de 2012.

L'Inconsolable é apresentado com **Dalla Nube alla Resistenza** (“folha” distribuída em separado). É apresentado em cópia que nos foi enviada pela Belva Film, com legendagem em português do Brasil.

Em **L'Inconsolable** Jean-Marie Straub adapta um novo “capítulo” de uma das mais importantes obras literárias de Cesare Pavese, *Dialoghi con Leucò / Diálogos com Leucó* (1947), mais precisamente o décimo segundo dos vinte e sete diálogos. No seu famoso diário, publicado postumamente em 1952 com o título *O Ofício de Viver*, Pavese incluiu um texto que identificou como “Prefácio aos Diálogos”, que foi recuperado na segunda edição em Itália de *Diálogos com Leucó* como uma advertência ao leitor (e que acompanha a edição portuguesa da Assírio e Alvim, traduzida por José Colaço Barreiros, que aqui seguimos). Nessa “advertência” Pavese chamava a atenção para o facto de nos “Diálogos” ter partido da mitologia helénica enquanto linguagem entendida como um viveiro de símbolos, dado o poderoso universo conceptual e a familiaridade conotados com cada gesto ou personagem míticos, o que lhe permitiria associar toda uma posterior inquietação a essa mesma familiaridade. E Pavese explicava a sua opção: “*Temos horror a tudo o que é incomposto, heteróclito e acidental, e tentamos – até materialmente – delimitar-nos, impor-nos a nós próprios uma moldura, insistir numa concluída presença. Estamos convencidos de que uma grande revelação só poderá sair da teimosa insistência numa mesma dificuldade. Não temos nada em comum com os viajantes, com os experimentadores nem com os aventureiros. Sabemos que o modo mais seguro – e mais rápido – de nos espantarmos é fixarmos impávidos sempre o mesmo objecto. Num belo momento, este objecto parecer-nos-á – miraculoso – que nunca o tínhamos visto.*”

A nossa insistência neste “prefácio”, escrito por Pavese para introduzir o belíssimo texto que compõe *Diálogos com Leucó*, deve-se sobretudo a três motivos: ao facto de ele revelar toda a ambição e a originalidade de um projecto como os “Diálogos”; à clareza com que as palavras de Pavese traduzem a nossa relação com este texto extremamente fecundo, que a cada leitura se revela sempre de um ângulo diferente; mas essencialmente (no que aqui nos interessa) ao modo como tal prefácio aponta para a profunda afinidade que une o cinema de Jean-Marie Straub (e de Danièle Huillet) e o pensamento de Cesare Pavese. À semelhança do escritor, também eles nunca foram

como os “viajantes”, antes optando por impor a si próprios quadros que lhes permitissem descobrir o “miraculoso” nas coisas próximas, à custa de um trabalho assente num conjunto limitado de elementos.

Seguindo de perto os “ensinamentos” de Pavese, **L’Inconsolable** é o quinto filme que Straub (já sem Danièle Huillet) realiza a partir deste magnífico livro. Os primeiros sete desses diálogos haviam sido adaptados na primeira parte de **Dalla Nube Alla Resistenza / Da Nuvem à Resistência**, em 1979, e outros tantos foram posteriormente trabalhados em **Quei Loro Incontri** (2006), **Le Genou d’Artemide** (2009) e **Le Streghe, Femmes Entre Elles** (2009). “O Inconsolável” é um diálogo que se desenrola entre Orfeu, que acaba de regressar dos infernos, e Baca, que o questiona sobre o seu estado de espírito e seu amor por Eurídice. Este diálogo apresenta-nos uma versão inesperada do mito de Orfeu e Eurídice, em que Orfeu, na viagem de regresso do mundo dos mortos para onde partiu para resgatar Eurídice, decide romper voluntariamente com condição que a faria ressuscitar, devolvendo-a ao “reino do nada”. No livro e no filme de Jean-Marie Straub, em contraste com um Orfeu enamorado e profundamente infeliz, encontramos um homem lúcido, que prefere não trazer Eurídice para o mundo dos vivos face à inevitabilidade de esta ter de morrer uma segunda vez, uma vez que não há consolação possível para a morte.

Em **L’Inconsolable** Andrea Bacci é Orfeu, e Giovanna Daddi, Baca, aquela que o questiona com estupefacção, confrontando-o com a versão tradicional do mito. Jean-Marie Straub recorre não apenas a um mesmo livro que usou em **Quei Loro Incontri** (os diálogos são outros), como a dois dos seus actores. Actores amadores pertencentes ao Teatro Comunale de Buti, com os quais Jean-Marie Straub e Danièle Huillet começaram a trabalhar já há muitos anos. Andrea Bacci é na realidade de entre os actores da companhia, aquele que o casal de cineastas sempre considerou o mais talentoso: “o único que sabia verdadeiramente respirar quando dizia um texto”, como exprimiu Huillet numa entrevista em 2006. E **L’Inconsolable** é um pequeno filme à medida do extraordinário talento de Andrea Bacci que, de certo modo, nos aparece como uma espécie de alter-ego do próprio Jean-Marie Straub, não só por alguma semelhança física, como pela carga que transporta o seu texto.

O modo como Straub filma estes dois actores também é semelhante ao modo como filmara em **Quei Loro Incontri** e noutros trabalhos posteriores já enunciados. O *décor* natural das colinas de Buti, na Toscana, acolhe-os nas vestes “modernas” e nas suas poses predeterminadas, enquadradas de modo preciso e rigoroso. Impulsionando mais uma vez a colisão de temporalidades distintas (o presente dos actores e da natureza italiana é confrontado com o tempo mítico das suas personagens), Straub preserva e desenvolve aqui o essencial do seu cinema: a fidelidade e a importância do texto que quase é cantado por este par impressionante; a materialidade do real, expressa pelas manifestações naturais e pelos jogos de luz e de sombra que ancoram as imagens no mundo; a preservação de quadros definidos e de um número limitado de posições de câmara que permitem que, como escreveu Pavese no seu “prefácio” aos “Diálogos”, um “mesmo objecto” se revele num dado momento e nos pareça “miraculoso”. Tendo em conta a desaparecimento de Danièle Huillet em 2006, este é um filme que comporta inevitavelmente a marca da sua falta. Como tão bem é formulado por Bacci no início do filme “(...) *pensei na vida com ela, como havia sido antes; e que mais uma vez acabaria. O que foi será. Pensei naquele gelo, naquele vazio que acabava de atravessar e que ela trazia nos ossos, na medula, no sangue. Valeria a pena tornar a viver outra vez?*” Ao rever hoje este texto escrito em 2012, penso agora em Jean-Marie Straub, no cinema de ambos, e como nada retorna a ser como antes.

Joana Ascensão